Ano 16.º | Sabado, 3 de Novembro de 1923 | N.º 801

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

Sobre a Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro

Na já complicada questão das Obras da Barra e Ria de Aveiro acaba de escrever-se mais um capitulo.

Após uma verdadeira fuzilaria de telegramas despejados daqui contra a inercia das esferas governativas por quasi todas as corporações e entidades representativas da actividade local, reclamando as medidas necessarias ao funcionamento da Junta Autonoma, o que prova existir em Aveiro uma consciencia colectiva, a Camara dos Deputados aprovou a proposta que sobre o caso lhe estava adstricta.

A noticia do facto por mim telegrafada de Lisboa logo após a votação parlamentar, produziu em Aveiro uma justificada alegria em quantos por tal anciavam, havendo algumas manifestações de regosijo.

O publico que se interessa por este problema ignora, porém, o estado da questão, e do relato dos jornais e do texto dos telegramas publicados não se conclue facilmente o que é que falta á Junta Autonoma—criada ha dois anos e já ha perto de um ano instalada — para que possa desempenhar a sua missão tão importante.

E não admira que assim aconteça desde que a politica, enrodilhada como uma serpe á volta deste problema, o complicou desastradamente, inervando e desorientando o espirito publico.

Como um grande edificio visto por um binoculo ao inverso se diminue e amesquinha, assim este grande problema—vital e capital para Aveiro!—posto a tratos no potro da intriga indigena e emboldriado na vala onde se lava a roupa suja das nossas pequeninas rivalidades, pareceu a muitos, durante muito tempo, uma contenda vulgar de penacho, disputada entre mangas de povos sertanejos ou entre regedores desavindos de uma aldeia cafreal.

Propuzera-me eu, em principio de 1921, quando na Associação Comercial de Aveiro me lancei á campanha em favor das obras da barra, acordar a opinião, agitando-a e esclarecendo-a, para que ela se impuzesse ao poder central e lhe arrancasse, com um eloquente movimento de revindicações, os melhoramentos ha muito considerados necessarios e urgentes ao progresso da nossa terra.

O primeiro passo que dei, foi convidar a imprensa para uma reunião onde estes assuntos se analisassem, para que os nossos jornalistas, inteirando-se da sua importancia, os tomassem a peito, expondo-os e advogando-os.

Um só jornal se fez representar—*O Democrata*—e de alguns dos restantes convidados não tardou que em breve surgisse contra mim e contra tudo quanto eu preconisava, ajudava a promover ou a organisar, uma violenta campanha que me fez redrobar de inergia na defesa da causa que para mim, aveirense, sempre reputei como sagrada. Da nossa imprensa, só *O Democrata* e *O de Aveiro* tomaram a peito a questão.

Não quero relembrar essa campanha de que me restam honrosas, mas tristes recordações.

Não posso, porém, deixar de verificar que da luta eleitoral que daí nasceu, resultou uma confusão de questões, um conflicto de opiniões e uma série tal de animosidades pessoais e divergencias partidarias, que a cidade com isso tem sofrido grandissimos prejuizos.

Um desses prejuizos foi o atraso na solução do problema das obras da barra e da ria, que a administração central do Estado é absolutamente incapaz de resolver, e que pelas forças locais ha muito poderia estar solucionado, se em vez de se quebrantarem em desavenças estereis, se reunissem na defesa dos interesses comuns.

Um bem resultou, entretanto, de toda essa briga, que tão cara me ia custando: foi o radicarse no espirito publico a ideia de que não ha tempo a perder na realisação do plano de melhoramentos da nossa ria e da nóssa barra e de que esses melhoramentos só poderão conseguir-se sendo feitos á nossa custa e promovidos pelo nosso esforço, pois que do poder central, tão desgovernado, nada se pode esperar senão entraves e delações.

* * *

Foi por isso, por essa radicada convicção, que bons aveirenses, contentes e jubilosos, festejaram a noticia de que a Camara dos Deputados aprováva qualquer coisa que, sobre a nossa Junta Autonoma lhe havia sido proposta.

Mas que aprovaria, afinal, a Camara dos Deputados?

Não foi a criação da Junta Autonoma, porque esse organismo fôra criado pelo decreto n.º 7880 de 7 de dezembro de 1921.

Não foi tambem o regulamento da Junta, como alguns jornaes fazem supôr, pois que a função regulamentar pertence ao governo que para isso tem toda a competencia.

O que foi aprovado na Camara dos Deputados — e Deus sabe á custa de que trabalhos e canceiras!—foi a proposta apresentada pelo Ministro do Comercio, autorisando o governo a revêr o decreto que criou a Junta e corrigindo as suas disposições ácerca de algumas receitas, sem o que a Junta Autonoma não passaria nunca de mais uma mentira na engrenagem da nossa administração.

Mercê da intervenção de alguns chefes politicos que julgaram fazer uma partida ás pessoas dos regionalistas que pelo assunto patrioticamente se haviam batido, quando afinal só fizeram uma partida á cidade de Aveiro a quem enormemente prejudicaram, o decreto n.º 7.880 saiu cheio de erros e tornou-se verdadeiramente impraticavel.

A Junta Autonoma por esse decreto criada, não poderia viver nem fazer face aos seus encargos, nem desenvolver a ação proficua que era o seu unico objectivo.

Reconhecido isto pela propria Junta, em sessão plenaria, foi resolvido pedir ao governo a conveniente modificação do decreto, o que só pelo Parlamento podia ser feito ou permitido.

Nasceu dessa reclamação da Junta manietada, a proposta do ministro, sr. dr. Vaz Guedes, apresentada ao Parlamento em junho ultimo, salvo erro de memoria.

Dormia tal proposta o sono dos justos na secretaria do Congresso, sob a acção narcotica de uma comissão que raramente reune, quando os telegramas de Aveiro despertaram a atenção dos *leaders* parlamentares e do ministro que prometeram mover-se para obter o seu devido andamento.

Mas da promessa, embora cheia de sinceridade, á realisação vai, por vezes, um abismo, e esse abismo era, no caso sujeito, o proprio Parlamento, onde custa imenso fazer mover as rodas da sua maquina, sempre complicada e ronceira quando se não trata de assuntos politicos ou de medidas de ordem geral.

Permitiu o acaso que, aberto o Parlamento para discutir as propostas de finanças, e estando eu em Lisboa, se declarasse a crise pela saida do ministro Velhinho Correia. Era azado o momento. Os esforços de alguns, a boa-vontade de todos os parlamentares e um bafejo de sorte, fizeram então com que se vencessem as dificuldades e a proposta fosse aprovada com dispensa de regimento e sem a mais leve discussão.

Além dos *leaders* de todos os grupos da Camara, prestaram a Aveiro serviços, que eu quero aqui assinalar, o presidente sr. dr. Alberto Vidal, nosso ilustre conterraneo e antigo governador civil do distrito, dr. Afonso de Melo e Baltazar Teixeira, os deputados srs. J. Brandão, de Setubal, dr. Sampaio Maia, dr. José Domingues dos Santos, Bartolomeu Severino, Vergilio Costa e dr. Jaime Silva, alguns funcionarios do Congresso, como Gomes da Silva e o chefe da 1.ª repartição, e tantos outros que prestaram o seu concurso que eu me não esqueci de agradecer, prestando-lhes não apenas a minha gratidão de aveirense, mas ainda o meu reconhecimento pessoal. Porque muita gente ignora que nestes trabalhos se contrahem obrigações possoais, dividas de gentilezas a que se tem de ficar obrigado com o reconhecimento particular!

Mas não está tudo feito.

Falta que o Senado discuta e vote e que, publicada a lei, o governo aprove o regulamento da Junta que por nós foi elaborado e enviado ao Ministerio do Comercio ha mais de meio ano.

Só então, a Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro ficará apta a desempenhar o alto e importante papel que lhe está reservado.

E oxalá que ela corresponda ás esperanças e desejos de todos nós!

Não serei já eu, por certo, quem verá o povo desta terra colher os fructos de tanta canseira.

Não serei eu quem verá a obra de renovação que a acção deste organismo deve determinar.

Não serei eu daqueles que poderão gozar qualquer beneficio do plano de melhoramentos que temos gizado, com verdadeira fé nos destinos da nossa terra e no futuro do nosso país.

Nem a minha saude, nem o aborrecimento que me causa a permanente má vontade de tantos dos meus conterraneos permitiriam que eu presidisse a esse movimento construtivo que se vai iniciar.

Por pago me dou de tudo quanto tenho feito, trabalhado e sofrido, de todos os sacrificios e de todos os agravos recebidos, quando vir, finalmente, esta terra, que tanto amo, dotada dos meios de por si mesma viver e progredir.

Alberto Souto.

Acha-se ámanhã de serviço a **Farmacia Reis.**

CRISE MINISTERIAL

O chefe do govêrno, depois duma moção de confiança que lhe deu de maioria apenas um voto na Camara dos Deputados, acaba de depôr o seu mandato nas mãos do chefe do Estado o qual iniciou as *démarches* do costume e indispensaveis para a substituição dessa gente que duma maneira tão triste deixou assinalada a sua passagem pelas cadeiras do Poder.

Vamos a vêr o que o sr. Presidente da Republica fará e tambem o que farão os politicos profissionaes em face da gravidade da situação, cada vez maior, mais complicada e cheia de perigos.

Nós somos por um governo nacional, de competências, em que entrem todos os valores que possam ser aproveitados e com os quais a nação possa contar para resolver a crise em que se debate.

Mas isso estamos em acreditar que não convirá a *certos* republicanos dos que mais blasonam de patriotas. E como não convem, o resultado não se fará esperar muito tempo: continuar-se-ha na mesma pouca vergonha em que temos vivido até que alguem apareça a pôr côbro, embora violentamente, como na Espanha, a este estado de coisas.

E depois queixem-se.

* * *

Os jornaes do Porto, chegados esta manhã, dão como certa a formação dum governo chefiado pelo sr. dr. Afonso Costa, que regressará de Paris apenas receba o convite para isso.

A vêr vamos.

BENEMERENCIA

Recebemos a seguinte carta da America do Norte:

... Sr. Director:

Saudo-o pelo bom resultado obtido no julgamento da ultima querela movida contra «O Democrata» e peço-lhe que nunca largue da mão o chicote com que tem azorragado essa cambada ignobil da politica portuguêsa.

Incluso encontrará uma dollar para distribuir pelos pobres da minha freguesia a quem o seu jornal protege e desde já fique certo de que não será a ultima vez que deles me lembrarei.

Respeitosamente, sou

De V. etc.

Um Aveirense.

A nota, trocada aute-ontem, rendeu, ao cambio desse dia, 25$40, cuja distribuição fizemos logo pelos nossos protegidos: Justa Salgueiro, rua das Olarias; Maria Joana, idem; Maria Chiça, rua Miguel Bombarda; Rosa Rebelo, idem; Maria Inocencia, idem; José Manhanhas, rua S. Sebastião; Claudio Pinto, idem; José Martins, idem; Elvira de Matos, rua da Fonte Nova e Violante, cega, rua da Corredoura, dando 2$50 a cada e 40 centavos ao Luiz Japão.

Ao caridoso anonimo os agradecimentos destë jornal não só pelas suas palavras amigas, mas tambem pela acção de que as fêz acompanhar.

* * *

O sr. Isaias Vide, de M. de Cambra, entregou-nos tambem 5$00 com os quais contemplámos Margarida de Matos, Travessa das Beatas e Rosa Dias, Quelha de Sá.

Da mesma sorte, muito agradecidos.

Imprensa

«Correio do Minho»

Por um lapso a que deu origem os nossos afazeres particulares, deixámos de felicitar, na devida altura, o nosso presado colega de Viana do Castelo, *Correio do Minho*. Foi uma falta, mas como o perdão só existe para as remediar, esperamos que o *Correio do Minho* dela nos absolva, aceitando as cordeaes saudações que, ainda que tarde, hoje lhe dirigimos por motivo do seu aniversario,

«A Voz do Povo»

Reapareceu nesta cidade, publicando-se agora quinzenalmente e prometendo não mais se imiscuir em puguas estereis, sempre de fracos rssultados.

Longa vida.

Como se conseguem veneras

A *coisa* passou-se assim: o sr. Antonio Maria da Silva, presidente do governo, agraciou com a gran-cruz da ordem de Cristo, a sr.ª D. Joana Queiroga, esposa do sr. dr. Antonio Josè de Almeida, então presidente da Republica.

Depois o sr. dr. Antonio José de Almeida, ainda presidente da Republica, agraciou com a gran-cruz da Torre e Espada (!) o sr. Antonio Maria da Silva, presidente do seu governo.

E por ultimo vai outra vez o sr. Antonio Maria da Silva e—zas!—agracia com a Cruz de Merito (!) da Sociedade Portuguêsa da Cruz Vermelha, a menina Maria Tereza Queiroga de Almeida, de seis anos de edade, filha do ex-presidente da Republica, sr. dr. Antonio José de Almeida e de sua esposa, a sr.ª D. Joana Queiroga.

Ora francamente: se não fosse o respeito que temos pelas personagens que entraram nesta fantochada condecoratoria e se as não conhecessemos haviamos de dizer que isto tomou um tal rumo que de Republica só existe o nome. O resto é monarquia pura, autentica, sem confecção.

Bernardo Torres

Subscrição para um mausoleu a erigir ao saudoso republicano e prestante cidadão, cuja campa se acha apenas marcada com o n.º 202.

Transporte.........	1.834$00
Alfredo Lima Castro (Porto)...	20$00
Isaias Vide (M. de Cambra)...	10$00
Soma...............	1.864$00

Kermesse

Deve começar ámanhã no Passeio Publico a promovida pelos sargentos da guarnição da cidade e cujo produto se destina a um fim altamente humanitario.

A banda de 24 executará um brilhante concerto sob a habil regencia do seu chefe, sr. Lourenço da Cunha.

FINADOS

Os dois cemiterios da cidade regorgitaram ontem de fieis, que ali foram recordar as pessoas queridas, desfolhando-lhes, por sobre a campa, flores orvalhadas, muitas delas, com lagrimas doloridas de saudade.

Aos templos tambem acorreu bastante gente, tendo-se durante a manhã resado missas por alma dos que dormem o sôno eterno á sombra dos ciprestes.

Sessões cinematograficas

Começaram domingo no Teatro Aveirense com enchentes completas o que demonstra que este genero de espectaculos se vai radicando no publico espantosamente.

Que a direcção seja feliz na escolha das fitas e se lembre de que ha tambem quem goste de uma boa companhia dramatica, para variar...

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

XV

Continuam os agravos e as apreensões
O comissario de policia entregue ao tribunal
Como o conservador do Muzeu era caluniado

A limpeza interior do Muzeu, e a beneficiação dos objectos expostos, era urgente iniciá-la. Tinha já algum pessoal, o que não havia era uma vassoura sequer! O credito era tanto que nenhum comerciante fornecia, sem dinheiro, qualquer objecto.

Nestas circunstancias, sabendo que no governo civil tinha sido depositada uma determinada quantia, producto de entradas no Muzeu e, portanto, receita exclusiva dele, oficiei no dia 1 de agosto *ao ex-governador civil*, Costa Ferreira, *solicitando-lhe que mandasse entregar* ao conservador do Muzeu, José de Pinho, *a importancia ali depositada afim de ser aplicada nos serviços de limpesa.*

* * *

No dia 16 de agosto, recebi o seguinte

Oficio

n.º 98 datado de 15. (copia a fls. 257).

«Para os devidos efeitos comunico a V. Ex.ª que sobre o pedido feito no seu oficio de 1 do corrente, exarei o seguinte despacho:—*Indeferido por não o julgar autoridade competente para requisitar os depositos do cofre*».

O Governador Civil,
(a) Antonio da Costa Ferreira.

Não encontro, Ex.^{mo} Ministro, palavras proprias para classificar tão bestial procedimento originado claramente no desejo de me vexar, contrariando a minha acção.

Então, suspeitava já que a facção defensora do arguido, assumindo para comigo atitudes irritantes, tinha em vista desgostar-me para que não levasse a final a missão de que fôra encarregado.

Estava disposto a contrariar aquele proposito.

Ferido, porém, no meu brio e dignidade, mandei tirar copia do estupido oficio e nele exarei o seguinte despacho:—*Devolva-se.*

Acompanhando *o papel devolvido*, enviei ao sr. *Secretario Geral do Governo Civil* o seguinte

Oficio

datado de 17 de agosto (fls 258 v.).

«Só agora me foi dado tomar conhecimento, com justificadissimo pasmo, do oficio n.º 98, assinado, creio, pelo governador civil.

Refeito da extraordinarissima surpreza que a leitura me produziu, permita-me V. Ex.ª que lh'o devolva por o não considerar proprio para juntar ao processo de sindicancia que estou organisando.

Desnecessario será dizer que a devolução que faço não atinge Vossa Excelencia, a quem aproveito a oportunidade para afirmar a minha mais alta consideração, respeito e simpatia».

* * *

A estupidez e a insensibilidade moral do ex-governador, deram origem ao significativo silencio que até hoje tem mantido.

* * *

Ele, Costa Ferreira a quem publicamente são dirigidos os mais graves ultrajes á sua honra, sem esboçar o mais leve desforço,—tem o impudico descaro de dizer que me não julgava com autoridade para requisitar o *dinheiro de que abusivamente se apoderára.*

Abusivamente é o termo proprio.

Costa Ferreira, abusando da autoridade do cargo que num momento de grande infelicidade, lhe confiaram, *mandou intimar* pela policia Firmino Costa *a depositar no governo civil o producto das entradas.*

O governador civil, entidade absolutamente estranha aos serviços, *julgou-se autorisado a apossar-se do dinheiro* que era receita do Muzeu, *esquecendo-se de que o conservador estava em exercicio e nega ao sindicante,* delegado especial do Ex.^{mo} Ministro da Instrução, *autoridade para lh'o pedir!*

Ao sr. Director Geral de Belas Artes, enviei seguidamente (fls. 261) o seguinte

Oficio

«Em 1 do corrente mez, oficiei ao governador civil, pedindo-lhe para entregar ao conservador do Muzeu, José de Pinho, a quantia depositada no cofre do governador civil, producto de entradas no Muzeu.

Como resposta acabo de receber o oficio de que junto copia e que devolvi acompanhado de um outro de que tambem junto copia.

Para o caso chamo a esclarecida atenção de V. Ex.ª e a do Ex.^{mo} Ministro, certo que S. Ex.ª ordenará ao governador civil a entrega imediata do dinheiro ao conservador do Muzeu, José de Pinho, dinheiro que indevidamente retem em seu poder».

* * *

Pouco depois o conservador recebia a importancia depositada no governo civil, num total de 51$64.

* * *

Em 3 de agosto em oficio dirigido ao Ex.^{mo} Ministro, depois de justificar as razões que me levaram a enviar, em 29 de julho, o oficio ao sr. director da Escola Primaria Superior, sobre o pessoal dizia:—«Como quer, porém, que a Direcção Geral do Ensino Primario e Normal, não tivesse comunicado o despacho de V. Ex.ª ao sr. director da Escola Primaria Superior, para que este dispensasse os dois empregados menores,—fui forçado pelas circumstancias a comunicar, eu proprio, áquele funcionario, parte do conteudo do meu oficio-proposta e da resolução justa — absolutamente justa—e moral—de rigida moralidade—de V. Ex.ª. Apraz-me informar V. Ex.ª que em oficio datado de hontem, o sr. director da Escola Primaria Superior com louvavel prontidão e manifesta dedicação e interesse pelos serviços e cousas publicas, se apressou a comunicar-me que o Conselho Escolar, reunido extraordinariamente, resolvera indicar para prestarem serviço no Muzeu, o continuo Alfredo Henriques e o guarda-portão, Francisco Augusto de Pinho e Castro. O primeiro já se apresentou ao serviço e o segundo apresentar-se-á logo que termine a licença que lhe tinha sido concedida. Para este desideratum concorreu evidentemente, como factor de valia, a minha qualidade de funcionario superior do ministerio, conhecida quer do sr. director, quer dos srs. professores».

* * *

No mesmo oficio terminava por dizer a S. Ex.ª o Ministro:

«Cumpre-me informar V. Ex.ª que o Muzeu já está exposto ao publico, bem como a egreja, continuando esta vedada ao exercicio do culto».

(Prossegue no proximo numero)

Notas mundanas

Para o sr. Ernani Fonseca, digno empregado na importante casa bancaria do Porto, Pinto & Souto Maior, acaba de ser pedida, por sua mãe, a mão da sr.ª D. Olimpia Alves Ferreira, estremosa filha do sr. José Alves Ferreira, devendo o enlace efectuar-se brevemente.

— Depois de ter passado algum tempo na sua casa de Esgueira, retirou para Lisboa, onde ha muitos anos reside, o sr. José Mateus Farto.

— Com sua esposa parte ámanhã para uma longa viagem de recreio pelo estrangeiro o esclarecido clinico, sr. dr. Francisco Soares.

— Esteve na quinta-feira em Aveiro o nosso amigo Isaias Vide, de Macieira de Cambra.

— Regressaram da Costa Nova os srs. Augusto Guimarães e José Moreira Freire com sua familia.

O preço do pão

Queixam-se para aí que o pão exposto á venda não tem quási nada que comer e é carissimo.

Que não tenha quasi nada que comer, concordámos, visto um pão, hoje, mal chegar para a cova dum dente. Mas carissimo! E' que esta gente não sabe quanto ele custa na Alemanha. Pois vamos nós dize-lo. Um quilo de pão, na Alemanha, custa, presentemente, nada menos de 10 milhões de marcos, ou seja com o cambio ao par, o equivalente a dois mil contos!

Entre nós, isto é, em Aveiro compra-se á razão de 2$40.

Miseria das miserias!...

Um ovo por um real!...

Se os pobres padeiros podem levantar cabeça...

Necrologia

Dr. Antonio Emilio d'Al.^{da} Azevedo

Na madrugada de domingo finou-se nesta cidade, após longo tempo de sofrimento, para o qual a sciencia não achou remedio nem poude vence-lo a dedicação inexcedivelmente carinhosa e terna da Esposa e da familia, o sr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, distinto filho desta terra, possuidor de altas qualidades evidenciadas em todas as situações ainda as mais dificeis e graves da sua existencia.

Natural de Aveiro, formou-se em direito em 1868, sendo nomeado delegado da Corôa e Fazenda para Angola, servindo depois em Macau e seguindo para S. Tomé onde esteve como juiz de direito e ainda em Salsete, Margão, Safala, etc., o que lhe permitiu fazer uma larga viagem pela India, China e America do Norte. Em Portugal serviu como juiz em Sabugal, Povoa do Varzim, Gouveia, Regoa e Anadia.

Nomeado juiz de instrução criminal a convite de Wenceslau de Lima, presidente do conselho no reinado de D. Carlos, o desempenho dessas funções decorreram entre o tumultuar de paixões politicas que trouxeram ao seu espirito, aliás energico e decidido, duras provações e profundos abalos, nomeadamente quando do regicidio, do qual foi o organisador do respectivo processo.

Proclamado o actual regimen, o finado, desistindo do seu cargo, exilou-se, fixando residencia em Londres, onde se fez professor da sua lingua patria. Mais tarde voltou a esta cidade onde abriu banca de advogado.

O extinto era um primoroso caracter, possuindo profundos conhecimentos. Por ter publicado varias obras a Academia Real das Sciencias de Lisboa e o Instituto de Coimbra contavam-no no numero dos seus socios. Em 1893 foi eleito deputado pelo circulo da Feira.

O sr. dr. Antonio Emilio contava 68 anos e deixa viuva a sr.ª D. Mariana José da Costa Castelo Branco e sete filhos, sendo deles o mais velho o sr. dr. José de Almeida Azevedo, advogado na comarca.

O funeral, na segunda-feira realisado, esteve muito concorrido, encorporando-se no préstito numerosas pessoas de todas as categorias sociaes e credos politicos, assim como a academia.

Junto da sepultura pronunciaram sentidas orações os srs. drs. Luiz Cipriano Coelho de Magalhães, que conduzia a chave do feretro e representava o sr. D. Manuel de Bragança, Jaime de Magalhães Lima, Joaquim de Melo Freitas e Manuel Nunes da Silva.

O sr. dr. Antonio Emelio, monarquico, como tal se manteve até á morte, mostrando aos transfugas sem brio nem vergonha não só o que é ter convicções, mas a sua superioridade, o seu valor, a sua envergadura intelectual.

Adversario de rija tempera, por isso mesmo, á inquebrantibilidade dos seus principios prestamos a devida homenagem, enviando a toda a familia enlutada o nosso cartão de condolencias.

Coisas á Rosa...

Minha querida amiga:

Escrevo-te depois de ter passado uma longa temporada na Costa Nova onde, por conselho dos medicos, fui obrigada a estar até ao dia 20 de outubro em que regressei a casa.

Uff! Que massada todos esses dias de outubro. Mas que prazer, que inefavel ventura o mez de setembro para mim!

Tu nunca foste á Costa Nova e por isso não sabes que existe ali um salão que é frequentado pela *élite* e no qual se conversa, joga e dança quasi desde pela manhã até altas horas da noite. Pois foi lá, minha querida amiga, que eu este ano consegui arranjar outro *derriço*. E que *derriço!* Um rapaz esbelto, bem posto e tão galanteador como nunca encontrei nos dias da minha vida. Estou radiante. Tanto mais que já me escreveu e promete continuar, se fôr do meu agrado. Ora do meu agrado teem sido eles todos, excepto o Ananias a quem ainda hoje não posso perdoar aquele beliscão quero crer que involuntariamente dado no dia em que o papá reuniu para festejar as minhas risonhas 25 primaveras. Mas, quem sabe? Eu zanguei-me pelo sim, pelo não, e o certo é que depois disso as minhas para com o Ananias arrefeceram a ponto de nunca lhe tornar a falar. E' que, mesmo involuntariamente que fosse, um beliscão não é coisa que uma menina receba e se fique sem mostrar relutancia, pois não achas minha bôa amiguinha? De resto sabes que gosto de variar e portanto avalias do meu contentamento por se me ter proporcionado a ocasião de abrir o peito a novos amores.

Se soubesses quanto gozei numa noite de serenata!

E' possivel que t'o conte. O essencial está em que a disposição me não falte e encontre da tua parte o mesmo interesse que outr'ora tinhas de ouvir os meus devaneios.

Se não acho outra forma de matar o tempo...

Da tua muito dedicada,

ZULMIRA.

Correspondencias

Quinta do Picado, 3

(Retardada)

Um telegrama hoje recebido da California trouxe a infausta noticia de ter morrido dum desastre, na fabrica onde trabalhava, um dos filhos do sr. Francisco da Silva Brilhante, cuja familia é aqui geralmente bemquista, sendo tambem o desventurado moço um dos rapazes mais estimados deste logar.

A comunicação, que vem redigida em inglês, não traz pormenores da ocorrencia, mas diz que o enterro do nosso inditoso conterraneo foi muito concorrido, tendo-se encorporado nele inumeros membros da colonia portuguêsa alguns dos quais depozeram corôas e flores sobre o ataude.

Não tendo palavras de resignação para dirigir á familia do infeliz, limitamo-nos a acompanha-la no seu intimo desgosto para o qual neste momento supomos não haver nada que lhe sirva de lenitivo.

C.

Costa do Valado, 1

Na segunda-feira tocaram durante todo o dia os sinos da nossa capela anunciando a morte do juiz, sr. Dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, que aqui tinha muitas relações e propriedades herdadas dos seus progenitores.

Para assistirem ao funeral foram tambem a Aveiro bastantes pessoas conhecidas e amigas do ilustre extincto.

C.

Onde está a Republica?

Esta pergunta vêmo-la a encimar um artigo muito judicioso no *Correio do Minho*, cujo autor, ao que parece, só agora viu que o programa do velho partido republicano se esfarrapou na boca das urnas ás mãos dos caciques da monarquia convertidos ao novo regimen e espalhados por todos os partidos, sem excluir o radical, de que o mesmo periodico é orgão no Minho.

Onde está a Republica!? Essa agora! No papo dos monarquicos, colega, no papo dos monarquicos e quem quizer vá lá busca-la...

Modista de chapeus

Uma homenagem

A Comissão desportiva do *Club dos Galitos*, composta pelos nossos amigos capitão Amilcar Gamelas, Pompeu Alvarenga, José Duarte Simão, Pompeu de Melo Figueiredo, José Maria da Costa Monteiro e Augusto Decrook, por proposta deste ultimo, resolveu adquirir um premio para ser disputado pelos *teums* locaes, em homenagem á memoria do saudoso Amadeu Tavares Pinto, que foi devotado amigo daquele club e ainda um apaixonado pelo *sport* em todas as suas manifestações, prestando, por isso, relevantes serviços.

Para tal fim foi já adquirido o objecto que constitue o senhorante preito e que consiste numa figura de *player*, em metal branco finissimo, de altura de 15 centimetros, preparando-se para um *chaute* na bola que está a seus pés. Esta figura pousa sobre uma colunata de marmore negro que por sua vez descança numa pianha de magnifica madeira, onde serão gravados os dizeres. E' digna de todos os louvores a iniciativa da Comissão não só porque ela servirá de pretexto a boas tardes *dassociation*, como ainda traduz uma sentida e comovente homenagem ao consocio que a Morte implacavel tão cedo roubou ao convivio de todos.

Regressando

Da flotilha aveirense, entraram ultimamente a Barra, vindos da TerraNova, os lugres *Atlantico, Ilhavense, Orion, Nazaret 1.º, Navegante, Guerra 2.º, Encarnação, Maria da Conceição* e *Alcion*, que trazem magnificos carregamentos de bacalhau. Mas hão-de ver que nem por isso o comeremos mais barato.

Creadas

Precisa-se duma boa cosinheira, fiel e limpa, maior de 21 anos até 40, para o serviço dum antigo advogado dum dos concelhos do distrito de Aveiro, com 68 anos de edade, a qual receberá soldada mensal não inferior a 45$00; e desde que seja ajustada ser-lhe-ha feita a doação de 1.200$00, se estiver na mesma casa até á morte do doador.

Tambem é necessaria uma creada da edade estabelecida para o serviço de sala e algum de agricultura com a soldada mensal não inferior a 30$00.

Nesta redacção se diz logo que estejam nas condições de satisfazer, segundo informação fidedigna.